

Entre heróis e heroínas no Pantanal: aspectos currículo-pedagógicos das fantasias da escola de samba mirim de Corumbá (MS)

Among heroes and heroines in the Pantanal: curricular-pedagogical aspects of the costumes of the children's samba school in Corumbá (MS)

Entre héroes y heroínas en el Pantanal: aspectos curriculares y pedagógicos del vestuario de la escuela infantil de samba de Corumbá (MS)

Cleverson Moraes da Silva¹

Tiago Duque¹

DOI: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v31i71.2131>

Resumo: O artigo analisa o carnaval de Corumbá (MS) a partir dos croquis das fantasias infantis da Escola de Samba Mirim Corumbá do Amanhã, compreendendo-os como artefatos culturais, com currículo e pedagogia cultural. Partindo de uma perspectiva pós-crítica, ancorada nos estudos culturais e na teoria queer, a pesquisa evidencia como esses artefatos produzem e regulam identidades desde a infância, especialmente em torno de gênero e sexualidade, articuladas a outros marcadores sociais, como regionalidade, religiosidade e nacionalidade, em um contexto fronteiro entre Brasil e Bolívia. A metodologia adotada foi a etnografia digital, com levantamento de dados em ambientes virtuais institucionais e midiáticos entre 2023 e 2024. A análise dos croquis revela que, sob uma aparência lúdica e inocente, as fantasias reforçam normas heteronormativas e binárias, naturalizando performances generificadas e hierarquias culturais, ao mesmo tempo em que silenciam dissidências, como as vinculadas a representações de religiões de matriz africana e a sexualidades não hegemônicas. Conclui-se que as fantasias infantis funcionam como dispositivos disciplinares e protéticos que moldam corpos e subjetividades, mas também podem constituir espaços de tensão e de possibilidade. Reconhecer o carnaval como prática educativa amplia o debate sobre currículo, cultura e poder, apontando seu potencial para experiências mais críticas, plurais e inclusivas.

Palavras-chave: carnaval; infância; diferenças.

Abstract: The article analyzes the Carnival of Corumbá (MS) through the costume sketches of the *Corumbá do Amanhã* Children's Samba School, understanding them as cultural artifacts endowed

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

with curriculum and cultural pedagogy. Drawing on a post-critical perspective grounded in cultural studies and queer theory, the study highlights how these artifacts produce and regulate identities from childhood onward, particularly in relation to gender and sexuality, articulated with other social markers such as regionality, religiosity, and nationality in the Brazil-Bolivia border context. The methodology adopted was digital ethnography, with data collection conducted in institutional and media-based virtual environments between 2023 and 2024. The analysis of the sketches reveals that, beneath a playful and seemingly innocent appearance, the costumes reinforce heteronormative and binary norms, naturalizing gendered performances and cultural hierarchies while silencing dissidences, such as those linked to representations of Afro-Brazilian religions and non-hegemonic sexualities. It is concluded that children's carnival costumes function as disciplinary and prosthetic devices that shape bodies and subjectivities, while also potentially constituting spaces of tension and possibility. Recognizing Carnival as an educational practice broadens the debate on curriculum, culture, and power, highlighting its potential for more critical, plural, and inclusive experiences.

Keywords: carnival; childhood; differences

Resumen: El artículo analiza el Carnaval de Corumbá (MS) a partir de los bocetos de los disfraces infantiles de la Escuela de Samba Infantil *Corumbá do Amanhã*, entendiéndolos como artefactos culturales dotados de currículo y pedagogía cultural. Desde una perspectiva poscrítica, anclada en los Estudios Culturales y en la Teoría Queer, la investigación evidencia cómo estos artefactos producen y regulan identidades desde la infancia, especialmente en torno al género y la sexualidad, articulados con otros marcadores sociales como la regionalidad, la religiosidad y la nacionalidad, en un contexto fronterizo entre Brasil y Bolivia. La metodología adoptada fue la etnografía digital, con recolección de datos en entornos virtuales institucionales y mediáticos entre 2023 y 2024. El análisis de los bocetos revela que, bajo una apariencia lúdica e inocente, los disfraces refuerzan normas heteronormativas y binarias, naturalizando performances generizadas y jerarquías culturales, al mismo tiempo que silencian disidencias, como las vinculadas a representaciones de religiones de matriz africana y a sexualidades no hegemónicas. Se concluye que los disfraces infantiles funcionan como dispositivos disciplinarios y protésicos que moldean cuerpos y subjetividades, pero también pueden constituir espacios de tensión y de posibilidad. Reconocer el carnaval como práctica educativa amplía el debate sobre currículo, cultura y poder, señalando su potencial para experiencias más críticas, plurales e inclusivas.

Palabras clave: carnaval; infancia; diferencias.

1 INTRODUÇÃO

O Carnaval é uma festa popular que envolve diversas manifestações artístico-educativas. Historicamente, ele tem sido um espaço de expressão de resistência, no qual questões políticas e sociais são abordadas. Isso ocorre nas letras do enredo, nas fantasias e nos adereços, geralmente por meio da escolha de temáticas como igualdade, inclusão, diferenças, entre outras (Domingues, 2019). No Brasil, ele tem raízes que remontam às celebrações europeias, indígenas e africanas, e é realizado de forma diferente em cada região. Além de ser uma vitrine cultural,

ele também é uma fonte de renda em uma cadeia lucrativa que envolve muitas pessoas e gerações, desde a produção até o setor turístico (Fernandes, 2020). O engajamento nacional nesta festividade fez com que o país tivesse sua imagem diretamente associada a ela. Em contextos fronteiriços, isso ganha contornos particulares.

Estudos envolvendo o Carnaval, por exemplo, têm apontado para o quanto os marcadores sociais das diferenças, como classe, raça, gênero, sexualidade, religiosidade, geração e nacionalidade, articulam-se em relações culturais específicas na fronteira Brasil-Bolívia, especificamente em Corumbá, cidade sul-mato-grossense (Passamani, 2016; Duque, 2022). Sabemos que a cultura não é algo estático ou fixo, mas uma parte integrante da nossa existência e enraizada em nossas práticas cotidianas, especialmente na maneira como atribuímos significado às coisas. Assim, as diferentes culturas nacionais são compostas por instituições culturais, símbolos e representações específicas (Hall, 2006). Parte dessas representações está presente em diferentes artefatos culturais do Carnaval: instrumentos musicais, trios elétricos, fantasias, carros alegóricos, sambas-enredo, regras competitivas, entre outros.

Nesse sentido, focamos em artefatos específicos neste artigo: fantasias infantis de uma escola de samba mirim da referida cidade. Os artefatos, enquanto produção humana devidamente situada e com finalidades próprias, possuem currículo e pedagogia cultural; afinal, currículo e pedagogia vão para além do contexto normativo das instituições de ensino. Para Silva (1999), o currículo e as práticas culturais são campos privilegiados de produção de identidades, funcionando como dispositivos de poder que classificam, hierarquizam e regulam os sujeitos.

A pedagogia cultural, que envolve diferentes artefatos, faz com que determinados currículos circulem, permitindo estudos em um campo que reconhece a influência pedagógica das práticas culturais na formação de sujeitos (Bortolazzo, 2020). Assim, as fantasias apresentam aspectos currículo-pedagógicos que proporcionam oportunidades para as crianças se expressarem de maneiras únicas e significativas (Delgado, 2008). Ao mesmo tempo, são produzidas por adultos; por isso, a construção de identidades na infância ocorre de forma interativa com outras gerações.

Nesse sentido, compreendendo que “[...] as categorias sociais não se somam, mas se articulam, produzindo significados específicos conforme os contextos”

(Piscitelli, 2008, p. 260), o enfoque nos aspectos currículo-pedagógicos das fantasias carnavalescas para crianças na fronteira Brasil-Bolívia não deixa de lado as relações de poder que envolvem as diferenças. Entendemos o poder não como algo que alguém tem, mas como o que os sujeitos praticam. Ele não é exercido apenas de forma repressiva, mas, sobretudo, por meio da produção de saberes e discursos que normatizam comportamentos e configuram modos de existência (Foucault, 1979). Interessa-nos, de modo articulado com outros marcadores, o enfoque em gênero e sexualidade, entendendo as identidades, inclusive as sexuais e de gênero, como pontos de enunciação em que o sujeito é reivindicado a se reconhecer dentro de um conjunto de discursos culturais (Hall, 1997).

Dito isso, ao buscar respostas sobre qual é o currículo e a pedagogia cultural das fantasias infantis no Carnaval de Corumbá, este artigo foi dividido, após a introdução, em três seções, além das considerações finais. Na primeira, apresentamos a Escola de Samba Mirim de Corumbá e a metodologia utilizada para coletar os dados a serem analisados. Na segunda seção, destacamos algumas análises focadas no gênero; na terceira, na sexualidade. O levantamento de dados e as análises que se seguirão são possíveis graças à adoção de uma perspectiva pós-crítica em Educação (Meyer; Paraíso, 2014), especialmente dos Estudos Culturais e da Teoria Queer, que nos permitem sustentar a noção de que os artefatos culturais, como as fantasias, podem ser simultaneamente locais de reprodução e de subversão de normas sociais.

2 DA INTERAÇÃO DIGITAL AOS CROQUIS DAS FANTASIAS: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para o levantamento de dados foi a etnografia digital, de natureza qualitativa, que pode ser empregada para compreender processos culturais, a mediação da informação e a representação do conhecimento (Duque, 2024). A pesquisa envolveu a perambulação por diferentes ambientes de interação digital nos quais o Carnaval de Corumbá foi abordado. A perambulação é uma experiência etnográfica que explora os ambientes virtuais de forma análoga ao conceito de *flâneur*, que circula casualmente por espaços urbanos, observando e interagindo com o entorno (Leitão; Gomes, 2022).

Essa experiência é possível pela agência do pesquisador, norteador por seu tema e objetivo de pesquisa, mas também por um agenciamento da máquina,

isto é, pelo trabalho dos algoritmos (Padilha; Facioli, 2018). Consideramos que o trabalho dos algoritmos na experiência etnográfica digital é inevitável e, ao mesmo tempo, essencial. Com maior ou menor dificuldade, conforme as palavras-chave de busca utilizadas em diferentes ambientes ou simplesmente pela visualização de vídeos, eles implicaram em nossos dados levantados. Para a pesquisa, não foi necessária a criação de um perfil específico de usuário, e no *YouTube* e no *Facebook* não foram realizados comentários ou manifestações, como “curtir”.

Após a perambulação, foram selecionados alguns ambientes de interação com diferentes artefatos relacionados ao Carnaval e à infância: o site do Governo Municipal de Corumbá-MS, jornais on-line do município e do estado, a plataforma de vídeos *YouTube* e páginas do *Facebook*. O trabalho etnográfico durou de fevereiro de 2023 a abril de 2024 e possibilitou elencar, como espaço privilegiado de levantamento dos dados, os artefatos relacionados ao Grêmio Recreativo Escola de Samba Mirim Corumbá do Amanhã. Ele, enquanto projeto, foi elaborado em 2022 pela Secretaria de Assistência Social e Cidadania do município, que ofereceu cursos de passista e de percussão para crianças. Para as mães, os cursos foram de corte e costura.

Os desfiles ocorreram em 2023 e 2024. Isso foi possível pelo envolvimento que as escolas públicas da cidade tiveram com o projeto. Na prática, são os professores das próprias crianças que atuam para que a Corumbá do Amanhã se apresente na avenida no Carnaval. O número de componentes de cada ala variou de 30 a 40 crianças e adolescentes, todos com idades entre 8 e 14 anos. São 16 escolas públicas municipais participantes, e para cada unidade escolar foi destinado um tipo de fantasia. O tema das fantasias varia conforme o samba-enredo. Ao todo, os desfiles contaram com 12 alas, tanto em 2023 quanto em 2024.

Após a sistematização dessas informações em relação aos artefatos digitais envolvendo a referida escola de samba mirim, percebeu-se que, para um recorte mais preciso das análises, a estratégia a ser adotada seria a seleção de artefatos do mesmo tipo, independentemente da interação. Entre esses artefatos estão os croquis das fantasias. Conforme ficará aqui exposto, eles, enquanto artefatos culturais,

[...] funcionam como elementos de redes de significação, por onde circulam e são fabricados os sentidos que damos às experiências de gênero e sexualidade (e tantas outras), indicando-nos como devemos agir e pensar,

anunciando modos de ser e estar mais ou menos conformes com as normas (Ferrari; Castro, 2018, p. 102).

As fantasias apareciam nas apresentações gravadas e divulgadas no *YouTube*, assim como em páginas das escolas ou perfis pessoais das crianças ou familiares no *Facebook*. Antes de serem produzidas e usadas no desfile, as fantasias são apresentadas às escolas municipais, às crianças e aos seus familiares por meio de croquis, isto é, desenhos das fantasias.

Os artefatos também circulam em diferentes ambientes digitais, e assim chegamos aos que serão analisados no trabalho etnográfico: àqueles que antecedem a produção e o uso das fantasias. Considerando o espaço que temos, não iremos nos aprofundar nas interações digitais que esses croquis produziram ou nas quais foram envolvidos. Focaremos no que eles representam em termos de gênero e sexualidade articulados a outros marcadores sociais, no seu conteúdo e no modo como esse conteúdo circula.

A seleção dos croquis nos parece importante, enquanto recorte em meio a tantos artefatos possíveis, porque apresenta currículo e pedagogia cultural sobre gênero e sexualidade que envolvem a infância. Além disso, são documentos oficiais da Escola de Samba Mirim Corumbá do Amanhã e, portanto, da prefeitura da cidade (estado/governo). Constata-se, então, um caráter de governamentalidade (Foucault, 2008), que será discutido mais adiante no texto. Um outro motivo é pelo fato de a própria organização do desfile ter nos croquis algo fundamental para a experiência da referida escola de samba: definições de idade das crianças (séries da Educação Básica) e de quais escolas usarão quais fantasias. Os croquis apresentam também um “endereçamento” (Ellsworth, 2001) currículo-pedagógico que faz toda a diferença para a existência do Carnaval infantil: as crianças e seus pais precisam querer usar determinada fantasia — dito de outro modo, o público precisa querer ser quem determinada fantasia irá proporcionar que ele seja.

Considerando essas escolhas metodológicas, optamos por desenvolver as análises de maneira crítica à perspectiva binária de gênero (fantasias para meninos x fantasias para meninas). Ainda que o direcionamento para escolas públicas, crianças e pais por parte dos responsáveis pela Corumbá do Amanhã — e, portanto, da prefeitura — tenha sido esse, apresentaremos aqui as análises sob uma perspectiva articulada com vários outros marcadores sociais das diferenças. Neste estudo, compreendemos que a diferença não é, necessariamente, sinônimo de

desigualdade, podendo ser uma oportunidade de agenciamento político (Brah, 2006). Além disso, sabemos que o currículo é um campo de contestação e de experiências imponderáveis (Ferrari; Castro, 2018), não necessariamente tendo como garantia absoluta de uma pedagogia cultural assertiva as normas mais hegemônicas de poder na produção de diferenciações.

3 SOBRE JACARÉ, DIFERENÇAS E PERFORMANCE DE GÊNERO

O logo da Escola de Samba Mirim Corumbá do Amanhã consta em todos os croquis das fantasias selecionados; ele nos possibilita uma chave de leitura importante sobre os artefatos a serem analisados aqui. Trata-se de um jacaré com uma chupeta na boca, sorrindo e acenando ao mesmo tempo. À primeira vista, essa escolha pode parecer inofensiva para as relações de poder e produção das diferenças; apenas um aceno à fauna pantaneira ou uma tentativa de afirmar uma identidade regional. No entanto, o jacaré representa experiências históricas, políticas e simbólicas que precisam ser analisadas criticamente, sobretudo quando se trata de um contexto de formação identitária infantojuvenil.

Durante décadas, Corumbá foi cenário da chamada “Guerra dos Coureiros”, na qual o abate massivo de jacarés para a extração de peles sustentava a economia informal e predatória (Ricalde, 2025). Ao mesmo tempo, no presente, a imagem do animal é ressignificada como ícone turístico, moldada à lógica do espetáculo, da selfie e do consumo. Esse movimento de apagamento do passado violento e de domesticação simbólica do animal precisa ser problematizado, especialmente quando essa imagem é colocada como representação de uma escola de samba mirim.

No Brasil, a representação da natureza e dos sujeitos ligados a ela é frequentemente pintada com tintas de exotismo e idealização, ao mesmo tempo em que se torna um recurso estratégico para a domesticação da alteridade, como ocorreu com outras culturas (Said, 2007). O uso do jacaré como logotipo da Corumbá do Amanhã, nesse sentido, não apenas reforça representações locais, mas as despolitiza, apresentando-as como algo “natural”, infantilizado e desprovido de todo o conflito histórico que o animal carrega no Pantanal sul-mato-grossense. A situação reforça o quanto “[...] a cultura é o lugar onde os significados são disputados, apropriados, ressignificados” (Hall, 2006, p. 47).

Essa relação de poder, historicidade e ressignificação do jacaré não está desconectada das fantasias, segundo o que pudemos observar nos croquis. A escola mirim, como espaço formativo, pode — e deve — tensionar essas representações, em vez de naturalizá-las. Contudo, o quadro de inteligibilidade cultural não deixa de ser também de gênero.

O jacaré aparece tematizado também em um dos croquis analisados, em uma fantasia direcionada aos meninos: macacão verde imitando o couro, rabo cumprido e, sobre a cabeça de quem a vestiria, um chapéu do referido animal, com a boca fechada, sem mostrar os dentes afiados, mas não infantilizado como o logotipo da escola de samba mirim.

Ao nos referirmos à inteligibilidade, compreendemos o gênero dentro de uma matriz de reconhecimento que vincula linearmente sexo dito biológico, gênero e desejo afetivo-sexual, isto é, uma ordem normativa que produz o gênero inteligível a partir de uma estilização reiterativa de atos corporais, movimentos e gestos que implicam a expectativa da heterossexualidade. Dito de outro modo, “[...] um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p. 59). As fantasias, enquanto croquis, são produzidas como artefato, portanto, com currículo e pedagogia cultural, nestes termos representacionais e performativos, mas em um contexto pantaneiro — aí a importância de reconhecermos um currículo específico no que estamos analisando.

Nesse sentido, outro artefato significativo é o croqui da fantasia “Vitória Régia”, direcionada para as meninas: calça branca com franjas na barra, capa verde esvoaçante (parecido com um tecido usado em véus), uma grande flor na cabeça com uma borboleta rosa pousada, uma franja sobre os ombros cobrindo o peito, braceletes também com babados, mas pequenos, em um corpo que, no croqui, abre os braços esticando os dedos de forma feminina. Portanto, o conteúdo curricular da fantasia reforça esse ideal ao privilegiar tecidos esvoaçantes, adornos florais e a ausência de força ou resistência nos traços corporais, reforçando a lógica do feminino como ornamental e etéreo. É nesse sentido que afirmamos o corpo como sujeito de dinâmicas sociais, como locus de articulação de relações e legitimador de princípios sobre a sociedade (Monteiro, 2012).

No mesmo quadro de inteligibilidade pantaneiro envolvendo gênero, temos o croqui “Homem Pantaneiro Mesmo”. Diferentemente do que foi descrito

anteriormente, essa fantasia apresenta a masculinidade tradicional: homem forte, corajoso e dominador da natureza, reforçando o imaginário do homem rústico e autossuficiente. Também com valores locais, um dos croquis apresenta a fantasia “Festa de São João” para meninas: vestidos floridos, chapéus de palha e saias rodadas em cores vivas se tornam símbolos de uma feminilidade associada à docilidade e à religiosidade.

Contudo, em termos de marcadores religiosos, também temos o croqui com a fantasia “Sandália de Frei Mariano” para os meninos. Ele é uma figura histórica envolta em lendas, associada ao misticismo e à moralização dos costumes locais e lembrada como símbolo de devoção e de intervenção divina em episódios da história de Corumbá. Sua imagem está diretamente vinculada ao catolicismo e à construção da cidade segundo valores cristãos coloniais. Não foi encontrada nenhuma fantasia em alusão às religiões de matriz africana, mesmo a cidade tendo centenas de terreiros e uma população fiel a religiosidades afro-brasileiras (Viegas; Martins, 2015).

Dito isso, em termos de marcadores sociais das diferenças e representações culturais, não se trata de eles necessariamente apenas refletirem a realidade; antes, de compreender como significados são organizados e significados por meio deles, tendo como efeito hierarquias do que é visível e do que não é (Hall, 2006). Quando se trata de aspectos curriculares, daquilo que nos é autorizado a conhecer e do que não é (Louro, 2004) e, pedagogicamente, de como se é ensinado o conhecido. Isso nos permite compreender que esses croquis tratam de um sujeito produzido — portanto, significado a partir da experiência local — e que “[...] contra a ideia de um ‘sujeito da experiência’ já plenamente constituído a quem as ‘experiências acontecem’, a experiência é o lugar da formação do sujeito” (Brah, 2006, p. 360).

Considerando o que analisamos nesta seção, o currículo dos croquis analisados apresenta um conteúdo marcado por gênero e sexualidade, articulado a outros marcadores consideravelmente valorizados, como religiosidade e regionalidade. Pedagogicamente, esse conteúdo segue uma dinâmica em meio à produção de inteligibilidade que envolve mais do que elementos apenas humanos, mas também elementos da fauna e da flora locais, e conduz, pedagogicamente, determinados valores consolidados em termos de performances de gênero masculino e feminino. As relações de poder que marcam esses aspectos currículo-pedagógicos se

apresentam em termos de busca pela manutenção de hierarquias generificadas e também religiosas, sustentadas pelos mais diversos elementos históricos e locais.

4 SEXUALIDADE E GOVERNAMENTALIDADE CURRÍCULO-PEDAGÓGICA

Em vários croquis analisados, os personagens tidos como infantis — masculinos e femininos — são conhecidos em contextos nacionais (Visconde de Sabugosa e Emília) ou transnacionais (Superman, Chapeuzinho Vermelho e Mulher-Maravilha). Assim, há fantasias que não correspondem apenas a representações da cultura local. Uma delas é a de “bruxinha”, a única que aparece no diminutivo. A personagem é uma das representações femininas mais estigmatizadas na literatura e na cultura popular. Historicamente, a bruxa foi associada à mulher transgressora, perigosa, ligada aos saberes interditos e às forças da natureza, símbolo de resistência feminina diante das estruturas machistas. No entanto, na perspectiva da infância, comumente essa figura é esvaziada de sua potência política e histórica, sendo ressignificada em um viés caricatural e inofensivo.

Essa “diminuição” das bruxas reforça uma lógica que suaviza as tensões e as resistências históricas que essas figuras simbolizam, tornando-as aceitáveis para o imaginário infantil e, conseqüentemente, para os dispositivos culturais que regulam a formação das identidades de gênero e sexualidade desde a infância. Assim, a fantasia da Ala das Bruxinhas reflete a permanência de estereótipos que impedem o reconhecimento das mulheres como agentes políticos, detentoras de saberes e forças legítimas, preferindo mantê-las em papéis de entretenimento e espetáculo inofensivos.

O corpo aqui é disciplinado e, como discute Foucault (1979), submetido a uma estética lúdica e sexualizada, mesmo na infância. Neste caso, a saia curta, o corselete marcado e a ênfase no corpo esguio reforçam o ideal de feminilidade que valoriza a docilidade e a sedução, mesmo travestida de fantasia infantil de “bruxinha”. Uma figura da bruxa que poderia estar em conformidade em outros contextos históricos, enquanto uma mulher “fora e acima dos limites”, que “[...] encarnava o emblema perigoso da desordem cósmica” (Araújo, 2006, p. 49), isto é, que representa a subversão da ordem normativa, mas é domesticada para reforçar padrões estéticos e comportamentos femininos esperados desde a infância.

Nesse sentido, essas fantasias também podem ser compreendidas como protéticas. Preciado (2002) utiliza a noção de “próteses de gênero” para pensar a

incorporação de elementos que tornam os corpos inteligíveis, para além da ideia de performatividade butleriana já discutida aqui. Vejamos as fantasias — entendidas aqui como artefatos protéticos — das heroínas, como Mulher-Maravilha e Supergirls. Entende-se que a prótese, “[...] historicamente, é a única forma de ‘ser corpo’ em nossas sociedades pós-industriais. A prótese não é abstrata, não existe se não aqui e agora, para este corpo e neste contexto” (Preciado, 2002, p. 168). O discurso de fortalecimento feminino parece emergir no que vemos nesses croquis, mas, ainda assim, de forma ambígua no que se refere às vulnerabilidades das infâncias. Afinal, apesar de estarem relacionadas a personagens fortes — heroínas —, essas fantasias para meninas reforçam padrões estéticos baseados na hipersexualização dos corpos femininos: saias curtas, cinturas finas, busto evidenciado e a manutenção da beleza como característica essencial da “mulher poderosa”.

Essas construções visuais apontam para uma feminilidade moldada também a partir da lógica do olhar masculino, mesmo sob o disfarce da autonomia. Essa “contradição” pode ser refletida à luz dos conceitos de “pedofilização”. Mais do que traçar um sentido direto e linear em relação aos croquis e à violência/abuso sexual contra crianças e adolescentes, é preciso apontar para a complexidade da sociedade atual, especialmente em torno da sexualidade,

[...] que busca criar leis e sistemas de proteção à infância e adolescência contra a violência/abuso sexual, mas ao mesmo tempo legitima determinadas práticas sociais contemporâneas [...] onde os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora. São corpos desejáveis que misturam em suas expressões gestos, roupas e falas, modos de ser e de se comportar bastante erotizados (Felipe, 2006, p. 216).

Por fim, a fantasia da Ala Jasmine, embora busque uma representação de uma figura feminina forte e independente, carrega o peso da exotização do corpo feminino não ocidental. Como analisa Said (2007, p. 114) em *Orientalismo*, essa construção estética produz a imagem do Oriente, mas não de um modo qualquer; antes, “[...] como um local onde o ‘Outro’ é consumido e reificado, com a mulher oriental sendo retratada como sensual, misteriosa e passiva, ou seja, disponível para o olhar e o desejo do Ocidente”. O figurino destaca a pele exposta, a barriga à mostra e a cintura marcada, reforçando um ideal de feminilidade hipersexualizada, voltada à contemplação e ao encantamento.

Essas representações, embora inseridas no contexto da infância, antecipam discursos de gênero que disciplinam os corpos femininos, educando para a passividade, a estética da sedução e a subalternidade. Como conclui Foucault (1979, p. 165), “[...] é na infância que se inicia o adestramento dos corpos, e a literatura infantil, ao lado das práticas culturais, cumpre um papel central na manutenção das normas sociais de gênero”. Considerando o investimento da prefeitura local — portanto, de uma esfera do Estado brasileiro —, sabemos do efeito da governamentalidade, que age não apenas sobre um único indivíduo, mas sobre uma população inteira. Dito de outro modo, a disciplina corresponde a técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância, pois definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova microfísica do poder (Foucault, 1979, 1988).

Sob a ótica da sexualidade, as fantasias carnavalescas também funcionam como dispositivos que naturalizam a heteronormatividade. Ainda que o enredo e as alegorias pareçam “inocentes”, a maioria dos figurinos infantis supõe que meninas e meninos serão futuros sujeitos heterossexuais, orientando incorporações (Preciado, 2002) e performatividades (Butler, 2003) em termos de pares românticos masculinos-femininos. Rich (2012) lembra que a heterossexualidade tem sido imposta, de forma forçada ou subliminar, às mulheres — e, por extensão, à sociedade inteira.

Ao reproduzir esse script amoroso nas alas mirins, a festa ensina, desde cedo, quais desejos são legítimos e quais permanecerão fora de cena, apagando experiências lésbicas, gays e de outras dissidências que não cabem no imaginário infantil “adequado” aos olhos dos adultos. Nessa linha, a sexualidade é entendida como um “regime de verdade” (Foucault, 1988), em que discursos institucionais regulam e normatizam desejos durante o Carnaval.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscamos compreender o Carnaval na cidade de Corumbá, com enfoque nos croquis das fantasias infantis da Escola de Samba Mirim Corumbá do Amanhã — selecionados a partir de etnografia digital — e em seus aspectos currículo-pedagógicos. Essa análise indica que as fantasias carnavalescas para crianças são produzidas em meio a relações de poder e inúmeros marcadores sociais das diferenças que não são exclusivamente de gênero e

sexualidade. Os croquis das fantasias analisados mostraram que, sob a aparência de inocência e brincadeira, circulam representações que reforçam certos modos de ser, sentir e pensar.

A partir de um referencial teórico pós-crítico, concluímos que esses artefatos funcionam como dispositivos disciplinares e protéticos, que moldam corpos e subjetividades desde a infância, sustentando ideais heteronormativos e binários de gênero. O currículo apresenta certo conteúdo de significação de elementos locais e também transnacionais, sendo ensinado pedagogicamente por meio do entretenimento, da identificação e dos sentidos presentes também na identificação dos adultos.

Compreender esses aspectos currículo-pedagógicos envolvendo crianças e Carnaval na fronteira Brasil-Bolívia permite não apenas identificar os mecanismos de poder governamental que atravessam a festividade, mas também valorizar suas potencialidades para a construção de experiências mais diversas, críticas e inclusivas no âmbito da educação e da cultura. Ao evidenciar os aspectos currículo-pedagógicos das fantasias infantis, reforça-se a importância de considerar as práticas culturais como dimensões educativas que participam ativamente da constituição dos sujeitos, em diferentes idades.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45–77.

BORTOLAZZO, Sandro. Os usos do conceito de pedagogias culturais para além dos oceanos: uma análise do contexto Brasil e Austrália. *Momento – Diálogos em Educação*, Rio Grande, v. 29, n. 2, p. 315-336, 2020.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELGADO, Ana Cristina Coll. A participação das crianças e suas culturas em festas comemorativas: relatos de uma pesquisa com crianças. *Revista Interações*, Santarém, v. 4, n. 10, p. 58-76, 2008.

DOMINGUES, João Paulo Mariano. *Insurgências juvenis no carnaval de rua em Belo Horizonte: o bloco Seu Vizinho e a luta pela afirmação do território*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2019.

DUQUE, Tiago. Deve o pesquisador tomar catuaba? *In*: OLIVEIRA, Danilo Araujo de; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; SALES, Shirlei. *Metodologias de Pesquisa Científica no Ciberespaço/ Cibercultra: #netnografia #etnografiadigital #pesquisaemtela #entrevistaonline #análisecultural #análisedodiscurso_inspiradaemfoucault*. Curitiba: Appris, 2024. p. 41–59.

DUQUE, Tiago. Lugar de corpo e diferenças no Pantanal. *In*: DROZDOWSKA-BROERING, Izabela; MARKENDORF, Marcio; OLIVEIRA, Geovana Quinalha de (Org.). *Memórias do corpo: apagamentos*. [volume 1]. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. p. 219–239.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 26, p. 201-223, 2006.

FERNANDES, Jéssica Juliane Lins de Souza. *A voz do morro: narrativas etnomatemáticas produzidas no Carnaval de escolas de samba de Florianópolis*. 2020. 176p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2020.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Apresentação — Debates insubmissos na educação. *Revista Debates Insubmissos*, Caruaru, v. 1, n. 1, p. 101-103, jan./abr. 2018.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica*, Niterói, v. 1, n. 42, p. 41-65, 2022.

LOURO. Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de Pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 17-24.

MONTEIRO, Marco Synésio Alves. *Os dilemas do humano: reinventando o corpo em uma era (bio)tecnológica*. São Paulo: Annablume, 2012.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Sociologia Digital: apontamentos teórico metodológicos para uma analítica das mídias digitais. *Ciências Sociais Unisinos*, Guarulhos, v. 54, n. 3, p. 305-316, 2018.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Kairós e Carnaval: curso da vida de visibilidade e condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 57-67, jul./dez. 2016.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263–274, 2008.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contra-sexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.

RICALDE, Débora. ‘Guerra dos Coureiros’: abate de jacarés para venda de couro no Pantanal foi responsável por criar PMA em MS. *G1 — Mato Grosso do Sul*, Memórias, Campo Grande, abr. 2025.

RICH, Adriana. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas – Estudos gays gêneros e sexualidades*, Natal, v. 4, n. 5, p. 18-44, 2012.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

VIEGAS, Ana Claudia Marques; MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. A Religiosidade Afro-Brasileira na Fronteira: os terreiros de umbanda em Corumbá-MS. *Revista GeoPantanal*, Corumbá, v. 10, n. 18, p. 205-217, 2015.

Sobre os autores:

Cleverson Moraes da Silva: Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus do Pantanal. Especialista em Gestão Escolar: orientação e supervisão e em Educação e Sociedade pela Faculdade de Educação São Luís. Graduado em Pedagogia pela Universidade Anhanguera-Uniderp. Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Corumbá/MS e atualmente Gerente de Gestão de Políticas Educacionais na Secretaria Municipal de Educação de Corumbá/MS; atuou como coordenador pedagógico na Escola Municipal CAIC Padre Ernesto Sassida e como diretor na Escola Municipal Almirante Tamandaré/Cemei Laida Menacho. **E-mail:** cleversonsilvamoraes@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0000-2601-5444>

Tiago Duque: Pós-doutor pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bacharel e licenciado em Ciências Sociais e bacharel em Ciências Religiosas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/FAED e PPGE/CPAN); pesquisador, coordenador do grupo Impróprias – Grupo de pesquisa em gênero, sexualidade e diferenças (CNPq/UFMS), bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenador de projetos de extensão e pesquisa, com atuação nas áreas de gênero, sexualidade, currículo, mídias digitais e marcadores sociais das diferenças. **E-mail:** tiago.duque@ufms.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-1831-0915>

Recebido em: 19/12/2025

Aprovado em: 27/03/2026